

## MÚSICA

## O desafio da Osesp de ser irresistível

Com fim de todas as restrições, orquestra busca atrair público de volta à Sala São Paulo. Por **Hilton Hida**, de São Paulo

Quando anunciou a programação de sua última temporada como diretor musical da Sinfônica de Utah, o regente suíço Thierry Fischer disse que havia escolhido a Sinfonia nº 3 de Mahler como peça de despedida, em maio do ano que vem, porque queria “colocar o máximo possível de pessoas juntas” no palco. Faz todo sentido que, dois meses antes, ele vá usar a mesma obra para abrir o que de certa maneira deve ser sua primeira temporada plena à frente da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo.

Fischer assumiu a direção musical da Osesp em 2020 com outra obra monumental, a “Missa solene” de Ludwig van Beethoven (1770-1827). Mas logo veio a pandemia. Até o começo deste ano, máscaras ou mais espaçamento entre os músicos sempre impuseram algum tipo de restrição. Mesmo agora a orquestra ainda reduz o número de assentos para o público atrás do palco para permitir algum distanciamento. A Terceira de Gustav Mahler (1860-1911), que requer uma orquestra enorme, coros infantil e feminino e contralto solista, é portanto uma boa maneira de celebrar o começo de uma temporada que, espera-se, seja de total normalidade nas salas de concerto.

Um dos destaques da temporada 2023 será um minicíelo de Sergei Rachmaninov (1873-1943), incluindo seus quatro concertos para piano e a “Rapsódia sobre um tema de Paganini” com o pianista britânico Stephen Hough, cuja gravação das peças é considerada por alguns críticos como a melhor disponível. Fischer diz que a música do compositor russo é “muito necessária” hoje em dia, por prover “conforto” depois de todas as dificuldades dos últimos anos.



Thierry Fischer diz que a Osesp está em forma “esplêndida”, mostrando capacidade de se adaptar rápido a novas ideias

Além de Hough, entre outros astros das salas de concertos que acompanharão a Osesp estarão os violoncelistas Gautier Capuçon, Jean-Guihen Queyras e Sheku Kanneh-Mason.

Outro destaque é a conclusão do ciclo das sete sinfonias de Jean Sibelius (1865-1957). Fischer já regeu a Osesp este ano nas duas primeiras e interpretará a Terceira do compositor finlandês em dezembro. “É muito importante para mim passar sete semanas explorando os mistérios de Sibelius com a orquestra”, diz o maestro. “Não é fácil capturar, achar um meio orgânico de interpretar Sibelius com uma orquestra que não está acostumada com ele.”

Fischer diz que seu ideal numa or-

questra é a versatilidade, a capacidade de adaptar-se rapidamente. Nesse aspecto, ainda que sinta a necessidade de familiarizar a Osesp mais com certos repertórios, como Sibelius, ele é só elogios ao grupo. “A orquestra está em esplêndida forma”, afirma. “É um prazer regê-los, porque eles respondem a ideias não convencionais. Não significa que vamos adotá-las agora, porque certas coisas levam anos. Mas estou mais motivado que nunca.”

O regente suíço, de 64 anos, recebeu muitos elogios nos Estados Unidos por elevar o padrão da Sinfônica de Utah, cuja direção assumiu em 2009. Ele continuará como maestro emérito do grupo, e dividirá suas atenções principais entre a Osesp e a Sinfônica de Castela e León, em Valladolid, na Espanha, cuja direção musical assumiu este ano.

Na Sala São Paulo — que Fischer considera “fantástica”, com uma acústica “generosa” —, um desafio será atrair o público de volta. Em concertos não só da Osesp, mas também de artistas inter-

nacionais trazidos pela Cultura Artística, assentos vazios têm sido mais comuns recentemente. Fischer diz que a Osesp está estudando as causas disso para reverter o quadro. “Estou otimista de que o público voltará”, afirma. “Cabe a nós criar essa irresistibilidade.”

Uma das maneiras de tornar os concertos irresistíveis é fazer com que adquiram a dimensão de grandes eventos. É isso que a orquestra fará no encerramento da temporada 2023, quando reproduzirá a maratona musical que marcou aquele que talvez seja o concerto mais famoso da história: o que Beethoven realizou em 22 de dezembro de 1808. Foi nele que o gênio alemão estreou suas Quinta e Sexta sinfonias, o Concerto para Piano nº 4 e a Fantasia Coral, juntando ainda o “Gloria” e o “Sanctus” da Missa em dó menor, uma ária e uma peça para piano solo. A Osesp vai se dividir em duas para dar conta desse programa todo, metade em 14 de dezembro, metade no dia 15 e ele todo no sábado 16. ■